

O Uso das Palavras Certas

(Juízes 17 e 18)

Bruce McLarty

Segure-se no seu lugar! Ler os últimos cinco capítulos de Juízes é como andar de montanha russa. Você aguarda numa fila enorme até chegar a sua vez de entrar no carrinho que será a sua casa pelos próximos três minutos. Alguém o amarra lá dentro. (Lembrete: você não é *obrigado* a fazer isso!) Um repentino solavanco anuncia que aquele encontro com a insanidade está começando agora. O ritmo desajeitado de uma corrente grossa tinindo em atrito com o metal dos trilhos acompanha sua lenta subida até o ponto mais alto do parque de diversões. Se estiver sentado no primeiro vagão, será o primeiro a “desfrutar” da visão panorâmica de toda a região. (Isto é, se ver a sua vida passar diante dos seus olhos não lhe impedir essa visão!) Seu vagão atinge o topo da montanha e começa a descer, ainda contido pela corrente que continua presa aos vagões de trás.

Daí vem o momento mais temido! Os vagões descem livremente, você descobre a gravidade e experimenta uma queda livre diretamente em direção ao chão. Os aventureiros veteranos levantam as mãos para o alto e gritam com entusiasmo, enquanto os seus dedos deixam novas marcas na barra de aço que você está agarrando. Você grita ao sentir que o estômago está lhe saindo para fora! Quando finalmente pára de cair, os trilhos fazem uma curva, viram e o colocam de cabeça para baixo — o que está tudo bem para você, porque pelo menos não está mais viajando verticalmente! A seguir, vem o melhor. Toda boa montanha russa tem uma segunda queda. Por estar, desta vez, desorien-

tado e em alta velocidade, essa “última descida” é a que o leva ao limite extremo e o faz prometer a Deus o que fará e o que não fará no futuro, se Ele lhe tirar daquele passeio louco. Se você já experimentou a sensação dessa “última descida”, talvez esteja parcialmente preparado para os cinco capítulos restantes de Juízes.

Juízes 17 a 21 contêm duas histórias estranhas que nos levam à lamentável conclusão deste livro. As histórias são estranhas, primeiramente, porque o fato de aparecerem no final de Juízes nada tem a ver com cronologia e, em segundo lugar, porque não implicam uma opressão estrangeira nem um juiz em Israel. Elas parecem estar ali como a “última descida”. A espiral descendente de Israel, até esta altura, já havia atingido uma baixeza inacreditável, mas estes capítulos finais vão ainda mais baixo. Embora Israel tivesse sido advertida da opressão que um rei traria para a terra, o caos no final de Juízes era terrível o bastante para fazer parecer boa a coroação de qualquer rei¹. Se você acha que o passeio já foi cheio de sobes-e-desces até agora, segure-se porque vai ficar ainda pior!

O SACERDOTE PESSOAL DE MICA (17:1–13)

Mica é um bom nome israelita cujo significado é: “Quem é como Iavé?” Um homem da região montanhosa de Efraim que tinha esse nome é introduzido no início do capítulo 17. Parece que ele havia roubado alguns siclos de prata de sua mãe, mas foi constrangido a confessar o crime

¹Veja Juízes 17:6; 18:1; 19:1; 21:25.

quando ela começou a amaldiçoar quem tivesse lhe roubado o tesouro. A resposta da mãe ao filho ladrão confesso foi a expressão santimonial: “Bendito do Senhor seja meu filho!” (17:2). Ela estava tão feliz por reaver a perda que fez o voto de entregar parte do valor ao serviço de Deus “para fazer uma imagem de escultura e uma de fundição” (17:3). Fiel à sua palavra, ela contratou um artífice para fazer uma estatueta e colocou-a dentro da casa de seu filho Mica. Já possuindo um santuário em casa, era natural para Mica acrescentar outros ídolos e uma estola à sua pequena capela. (Você se lembra de Gideão?) Com toda essa coleção de parafernália religiosa, ele começou a sentir a necessidade de um sacerdote. Mica começou usando um de seus filhos nessa atividade, mas ficou empolgado com a possibilidade de contratar um autêntico levita para ser o seu “pai e sacerdote” (17:10). O jovem levita, mais tarde identificado como Jônatas (18:30), morou na casa de Mica e este declarava com toda confiança: “Sei, agora, que o Senhor me fará bem, porquanto tenho um levita por sacerdote” (17:13).

À PROCURA DE UM LAR

Quando Israel estabeleceu-se na Terra Prometida, o povo da tribo de Dã recebeu como herança uma parte da terra que não era a melhor. No começo de Juízes, o escritor já observara: “Os amorreus arredaram os filhos de Dã até às montanhas e não os deixavam descer ao vale” (1:34).

Frustrados com a situação em que viviam, os danitas resolveram procurar uma nova terra (18:1, 2). Para isto mandaram cinco espias viajarem para o norte à procura de uma terra melhor. Enquanto viajavam, passaram pela casa de Mica e ficaram surpresos ao ouvir a voz do sacerdote de Mica, o levita de Benjamim. Talvez o reconhecendo pelo sotaque sulista, perguntaram-lhe por que estava ali. Quando descobriram que ele era um sacerdote, pediram-lhe que consultasse Deus (pense novamente em Gideão) para saber se a viagem deles seria bem sucedida. Após o sacerdote lhes assegurar que Deus aprovava aquela missão, eles continuaram a viagem até que chegaram a Laís. Os habitantes dessa cidade estavam “seguros e confiados” (18:7, 10) e desfrutavam de paz e prosperidade. Os espias danitas sabiam que haviam encontrado o seu novo lar!

Quando os espias falaram aos seus irmãos habitantes das montanhas sobre o maravilhoso

vale em Laís, seiscentos danitas se armaram e partiram para a batalha. Ao viajarem pelo norte, também passaram pela casa de Mica. Eles roubaram a estola e a imagem de escultura de Mica e obrigaram Jônatas a acompanhá-los como seu sacerdote. Quando Mica descobriu o que aconteceu, reuniu seus vizinhos e partiu em perseguição aos invasores danitas. Todavia, os danitas eram fortes demais, e Mica foi forçado a voltar para casa. Os danitas prosseguiram até Laís, onde incendiaram a cidade e mataram todos os seus habitantes. Então, reconstruíram o que haviam queimado e deram-lhe o nome de Dã. A história dos danitas termina com as seguintes palavras:

Os filhos de Dã levantaram para si aquela imagem de escultura; e Jônatas, filho de Gérson, o filho de Manassés, ele e seus filhos foram sacerdotes da tribo dos danitas até ao dia do cativo do povo. Assim, pois, a imagem de escultura feita por Mica estabeleceram para si todos os dias que a Casa de Deus esteve em Siló (18:30, 31).

QUAL É O PROBLEMA?

Em contraste com a violência e intriga de outras histórias em Juízes, este pequeno episódio envolvendo Mica, seu sacerdote e os danitas, à primeira vista, parece ameno — quase inocente. Além disso, se lêssemos fatos semelhantes nos jornais de hoje, provavelmente nem julgaríamos interessantes essas informações. Todavia, quando nos lembramos de que o povo em questão eram os israelitas, o episódio, de repente, se torna totalmente diferente. Povos pagãos agindo assim é uma coisa; mas o povo escolhido de Deus agindo como pagãos é algo completamente diferente. De uma perspectiva espiritual, isto se torna uma demonstração surpreendente de que, embora os israelitas continuassem falando como uma nação santa, suas vidas revelavam que haviam se esquecido de Deus.

Todos os participantes desta história eram israelitas. Tinham direito a herdar a terra, viviam na terra certa e usavam a linguagem certa — mas haviam pervertido a essência da fé. Por exemplo, uma mulher deu ao filho o nome religioso de “Mica”, vindo porém a agir contrariamente, comprando uma imagem de escultura para ele, e violando assim a ordem expressa de Iavé para não fazerem ídolos para si (Êxodo 20:4)! Seguindo essa mesma linha de comportamento, essa mesma mulher consagrou duzentos siclos de prata a Deus, embora se mostrasse claramente rebelde a

Ele ofertando a prata para a feitura de um ídolo! Agora, consideremos a questão do sacerdote de Mica. Mica orgulhava-se por ainda estar guardando a lei segundo a qual todo sacerdote tinha de ser levita, embora o cercasse de ídolos e o usasse para adivinhações! Um outro exemplo da contradição entre a linguagem e a vida que levavam é visto na questão dos espias pedirem ao sacerdote para consultar se Deus estaria com eles, e depois voltando para roubar os ídolos de Mica! O pior de tudo foi o comportamento dos danitas em Laís. Desde o começo eles colocaram os ídolos dentro do novo lar. A casa de Deus ficava em Siló, mas eles edificaram uma casa de ídolos na nova cidade de Dã, orgulhando-se a todo tempo de serem o povo de Deus. A linguagem deles era a linguagem da aliança, mas o comportamento era o comportamento dos cananeus pagãos. As palavras deles estavam certas, mas seus atos, completamente errados.

MENSAGENS MISTAS

As Escrituras falam com intrepidez e clareza total a respeito de quanto Deus odeia o uso de linguagem santificada para encobrir um estilo de vida rebelde. Jeremias uma vez parou em frente ao portão do templo e proferiu esta mensagem de Deus:

Ouvi a palavra do Senhor, todos de Judá, vós, os que entrais por estas portas, para adorardes ao Senhor. Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Emendai os vossos caminhos e as vossas obras, e eu vos farei habitar neste lugar. *Não confieis em palavras falsas*, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este. Mas, se deveras emendardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras praticardes a justiça, cada um com o seu próximo; se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre.

Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam (Jeremias 7:2b-8; grifo meu).

Séculos depois, Jesus sentou-se na encosta de uma montanha e declarou a mesma mensagem:

Nem todo o que me *diz*: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que *faz* a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então,

lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade (Mateus 7:21-23; grifo meu).

Mais tarde, Paulo enviou para a igreja em Roma estas severas palavras de repreensão:

Se, porém, tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; que conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; que estás persuadido de que és guia dos cegos, luz dos que se encontram em trevas, instrutor de ignorantes, mestre de crianças, tendo na lei a forma da sabedoria e da verdade; tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furto, furtas? Dizes que não se deve cometer adultério e o cometes? Abominas os ídolos e lhes roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa... (Romanos 2:17-24).

Em todos esses três casos, as pessoas estavam condenadas porque suas vidas iníquas contradizia a linguagem de santidade que proferiam.

Quando eu era criança, a tradição de todo sábado à tarde na nossa casa era assistir a um programa musical apresentado por Porter Wagoner, Lester Flatt e Earl Scruggs e os Wilburn Brothers. Uma característica previsível de todos os espetáculos era um número de música religiosa. No meio dos vinte e cinco minutos de canções sobre beber e trapacear, as luzes sobre a banda diminuía e o apresentador estampava no rosto a maior reverência. Daí ele apresentava “um número espiritual”. Nos minutos seguintes o cabaré do televisor se transformava numa capela. Mas, terminada a canção, as bebidas e trapaças voltavam novamente!

Nos últimos anos, esse tipo de confusão entre discurso espiritual e viver iníquo tem sido praticada com mais frequência pela cantora pop Madonna. Quase sempre usando um crucifixo e símbolos e linguagem religiosa suficientes para deixar todo o mundo desorientado, ela construiu uma carreira sobre um misto blasfemo de falar a linguagem de Sião e viver o estilo de vida de Sodoma e Gomorra.

O perigo especial desse problema é que ele pode existir mais facilmente quando a linguagem religiosa é muito abundante. No mundo ocidental de hoje, os livros religiosos estão vendendo sem parar. Entretanto, podemos estar vivenciando exatamente o oposto do que esse fato deveria nos

levar a vivenciar. Falando da nossa era, o famoso escritor russo Alexander Solzhenitsyn comentou certa vez:

Se eu fosse chamado para identificar brevemente a característica principal de todo o século XX, aqui também eu seria incapaz de encontrar algo mais preciso e expressivo do que repetir mais uma vez: *Os homens se esqueceram de Deus*.²

Como pode ser isto? Como uma sociedade que é tão “religiosa” ao mesmo tempo se esquece de Deus? George MacDonald, um mentor de C. S. Lewis, acreditava que a predominância da linguagem religiosa pode realmente ser a causa do aumento de incredulidade! Ele disse: “Nada é tão mortífero ao divino quanto um tratamento habitual com aparência de coisas santas”³.

Isto é de especial interesse para quem vive em comunidades que alegam ter princípios cristãos ou “evangélicos”. Muitas vezes, estamos cercados de pessoas que dizem crer em Deus, nos acostumamos com uma linguagem cristã que proclama o poder e o amor de Deus em tudo o que é feito, e até as nossas congregações oferecem uma abundância de atividades cristãs. A história de Mica e seu profeta é um lembrete gritante de que podemos perder a fé e as nossas almas e talvez nem perceber o que aconteceu. Podemos nos esquecer de Deus mesmo nunca deixando de falar dEle!

OBEDIÊNCIA SELETIVA

Agora, sejamos específicos. A tentação com que o texto de Juízes nos faz confrontar de modo mais poderoso é a nossa tendência de obedecer a Deus de maneira seletiva, o que não é obediência de verdade. É como uma jovem universitária que...

É muito rígida quanto aos ensinamentos doutrinários, mas dorme com o namorado.

ou

Tem todo o cuidado de não dormir com o namorado, mas faz fofocas a todo instante, é odiosa e ofende a todos.

ou

É cuidadosa com as pessoas, mas ignora os ensinamentos doutrinários das Escrituras.

George Gallup observou a predominância desse

²James Dobson, *Love For A Lifetime* (“Amor por Toda a Vida”). Sisters, Ore.: Multnomah, 1993, p. 52.

³C. S. Lewis, *George MacDonald: An Anthology* (“George MacDonald: Uma Antologia”). Nova York: MacMillan, 1947, p. 113.

problema em nossa cultura, poucos anos atrás, numa entrevista à revista *Christianity Today*⁴. Ele observou que somente 4 em 100 norte-americanos dizem que a religião não é importante em suas vidas. Além disso, cerca de setenta e cinco por cento dos norte-americanos estão afiliados a uma “igreja” ou estão freqüentando uma igreja recentemente. A grande maioria dessas pessoas alegam ser seguidoras de Jesus. Lamentavelmente, Gallup observou o seguinte: “Realmente não se vê muita diferença entre os que freqüentam e os que não freqüentam uma igreja em termos de trapacear, sonegar impostos e furto; isto principalmente porque há muita religião social...”⁵

Mais recentemente, um colunista conservador chamado Cal Thomas convidou os cristãos de todo o país a “ser e fazer” aquilo que “anunciavam”. Para os cristãos ganharem respeito, quando não há aprovação, de quem define a cultura, eles precisam primeiro colocar suas próprias casas em ordem. Segundo Thomas, as pesquisas têm demonstrado que os cristãos estão se divorciando na mesma proporção que os não-cristãos. Até que ponto chegaram os “valores da família”. Pessoas que se dizem cristãs também estão fazendo abortos tanto quanto — ou até mais — do que as que professam uma religião diferente ou não têm nenhuma.

CONCLUSÃO

A história de Mica nos faz lembrar que a verdadeira fé pode morrer mesmo quando o nome de Deus está nos nossos lábios. Paulo escreveu sobre esse mesmo perigo aos cristãos de Roma. As perguntas do apóstolo também nos confrontam hoje:

Romanos 2:21–23

“Tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furto, furtas? Dizes que não se deve cometer adultério e o cometes? Abominas os ídolos e lhes roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei?”

⁴“Tracking America’s Soul” (“Em Busca da Alma Norte-Americana”). *Christianity Today*. 17 de novembro de 1989, pp. 22-25.

⁵*Ibid.*, p. 24.

O pecado pode entrar na vida de qualquer cristão que Satanás pegar desprevenido. Pode acontecer até num lar “cristão”. Pode acontecer enquanto ouvimos uma música “cristã” ou joga-

mos futebol com um time “cristão”, ou até enquanto pregamos de um púlpito “cristão”. Sinto calafrios só de pensar nessa possibilidade. □

©Copyright 2004, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS